



O grupo Nativa de Proteção Ambiental percorre anualmente, em canoas a remo, os 500 quilômetros mais freqüentados por turistas na região do Rio Araguaia. O grupo, de 22 pessoas, propõe um trabalho de informação para mudar o comportamento da sociedade goiana a partir da conscientização ecológica.

A vida à beira do Araguaia

O rio Araguaia nasce na divisa de Mato Grosso do Sul com Goiás e termina a 2 630 quilômetros ao norte. Os acampamentos são sua maior ameaça.

Acampar às margens do Rio Araguaia é um ótimo pretexto para quem não aguenta mais o barulho e a poluição das grandes cidades e pretende se refugiar na natureza. O som suave das águas, o cheiro de mata e um pôr do sol impossível de se avistar entre prédios, seduzem com facilidade os turistas que desejam conhecer o Centro-Oeste brasileiro. Nos meses de julho e agosto, no entanto, a tranquilidade de 370 acampamentos foi quebrada por um grupo de 22 pessoas uniformizadas. Eram integrantes do Grupo Nativa de Proteção Ambiental, que todos os anos, desde 1986, percorrem em canoas a remo os 500 quilômetros mais freqüentados de uma das maiores atrações turísticas da região.

Eles se propõem a desenvolver um trabalho de "informação ambiental", como explica o arquiteto Marcelo Safadi, um dos coordenadores do grupo. Ao contrário dos 150 mil turistas que visitam a região anualmente entre julho e outubro, o Nativa não vai atrás de lazer. "Nosso objetivo é mudar o comportamento da sociedade goiana a partir da conscientização ecológica de uma parcela significativa de sua população", diz Safadi.

O Rio Araguaia nasce na divisa do Mato Grosso do Sul com Goiás e termina 2.630 quilômetros ao norte, quando encontra o Tocantins, do qual é afluente, na divisa de Pará com Goiás. Suas águas, de salinidade acima do normal, ao baixar na época da seca deixam à mostra grandes bancos de areia, formando extensas praias ou ilhas com centenas de metros de comprimento. O garimpo, o desmatamento das margens, o uso de agrotóxicos e o lixo deixado pelos turistas de Goiás e estados vizinhos maltratam o Araguaia. Mas mesmo assim não tiram a magia de um rio que possui peixes marinhos, como a corvina, a cavallinha, aves raras como o manguari e as gaiótas, que só existem em dois rios do



Em julho e agosto, 370 acampamentos (foto maior) invadem a região do Araguaia. São 150 mil turistas, por ano, acumulando lixo às margens do rio (foto ao lado). Quem sofre é a natureza. Como a ave Manguari (no detalhe).



Renato Simões



Marcelo Safadi/Nativa

mundo — Araguaia e Ganges.

"Até 40 anos atrás, a atividade do homem goiano era o desbravamento, a caça", analisa Safadi. "Hoje este espírito ainda predomina, causando prejuízos ecológicos". Ele explica que cada acampamento é responsável pela derrubada de uma média de 40 árvores, para a construção de ranchos. O resultado é a derrubada de 16 mil

árvores todos os anos, no trecho entre as cidades de Aragarças e Luis Alves. "Além disso, a caça traz grande prejuízo à fauna", diz o ecologista.

Quase todas as noites, o grupo adormecia com o som dos cardumes à flor d'água. O prazer desses encontros só era reduzido pela visão de pescadores profissionais utilizando tarrafas ao longo das madrugadas,

numa época em que os peixes estão na piracema — o que tornaria a pesca não recomendável, pelo menos, nos próximos três anos.

O Rio Araguaia, formado no período quaternário, é tão jovem que ainda não definiu claramente seu leito, e a cada ano é preciso descobrir de novo o canal, para saber onde é mais fundo e navegável. O Nativa percorreu, em canoas canadenses, trechos onde o rio chegava a ter 400 metros de largura e 6 a 8 metros de profundidade, para abordar os turistas acampados e conversar com eles sobre o desmatamento e o tratamento dado ao lixo. "É provável levar o lixo inorgânico para os aterros sanitários das cidades ribeirinhas, porque as águas da cheia não o absorvem", ensina Safadi.

Este ano, o Nativa começou a perceber os frutos de um trabalho paralelo de conscientização de autoridades dessas cidades, quase sempre sem a infra-estrutura necessária para atender a tantos turistas. Foram realizados, como em anos anteriores, reuniões nas cidades de Luis Alves e Aragarças, entre outras, com prefeitos, vices e secretários. O objetivo: esclarecer quanto à importância do turismo e à necessidade de construção de aterros sanitários. Os integrantes do Grupo, ao observar pacotes de lixo deixados pelos turistas, constatarem progressos no seu trabalho. "O rio está mais limpo", comentou Safadi, ao observar suas margens.

O turista típico do Araguaia é o que leva o conforto da vida moderna, da geladeira à televisão, para as margens do rio. Mas há também quem prefira partir em busca de ambientes mais selvagens, rumo norte, onde o rio tem mais fascínio, ou percorrê-lo a bordo de verdadeiros hotéis sobre barcos — os botéis. O lixo abandonado nas praias é levado pelas águas leito abaixo. Um dos destinos é a Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo.

"Precisamos aumentar o número de pessoas que se preocupem com o rio, que sempre foi uma espécie de filho sem pai", compara Safadi. O ciclo do lixo, que acaba enterrado nas praias, prejudica o próprio turista, que só voltará ao Araguaia um ano depois. Até lá, a natureza passará por uma grande transformação. Entre outubro e novembro começam as chuvas, os animais desaparecem das margens, e as águas do rio invadem estradas, campos de pouso, derrubam pontes, levam paredes e coberturas dos ranchões abandonados pelos turistas.

Um monte de lixo era o cartão de visitas do acampamento dos servidores do Banco do Estado de Goiás. Antes de deixar com este quadro, próximo a Aruanã, o Nativa passou por alguns grupos de trarájás, pequenas tartarugas, em troncos soltos nas águas. Ranchos como o do Banco de Goiás recebem centenas de visitantes a cada semana, e a tática do grupo é conversar com os funcionários dos acampamentos. "É importante que vocês façam este trajeto sempre", observou o comerciante Rubens Antônio dos Santos, de Goiânia, que freqüentava um dos acampamentos.

Não é um trabalho fácil. Os custos do projeto, que prevêem a expedição de malas diretas aos turistas cadastrados, além de despesas normais de viagem e equipamentos, chegam a Cr\$ 3 milhões. Este ano o patrocínio foi do Carrefour e da Organização Jayme Câmara. O Grupo Nativa tem um núcleo fixo de 10 pessoas, entre arquitetos, como Safadi, agrônomos, como Gustavo Carneiro, além de geógrafos, jornalistas e estudantes. Mas já conta com a colaboração de voluntários entre 13 e 38 anos. É a evolução de um trabalho que começou em 1981 — naquela época, ainda misturado com lazer.

Paulo Faria/especial para o JT

Mercúrio contamina os peixes

Cerca de 60% da bacia do rio Vermelho, principal afluente do Araguaia está morta. A constatação é da Fundação Estadual do Meio Ambiente de Goiás, Femago. E a culpa é da poluição provocada pelo garimpo, que chegou a índices alarmantes em 1988 e continua afetando cidades como Goiás Velho e Aruanã, abastecidos por afluentes do rio Vermelho.

Os garimpeiros foram expulsos da bacia do rio, há seis meses atrás, mas voltaram a ocupar parte da área aproveitando-se das férias da justiça e do deslocamento da Polícia Militar para as margens do Araguaia. Na semana passada, porém, a PM retirou quase mil garimpeiros das margens do Rio Ferreira.

O rio Vermelho apresentou melhoras desde a interdição dos garimpos, no início do ano, mas a Femago não recomenda o consumo de peixes da região, porque o mercúrio é um metal cumulativo. A entidade, segundo seu diretor técnico, engenheiro José Izeccias de Oliveira, pretende iniciar pesquisas para constatar o índice de contaminação, o que não foi feito ainda por falta de recursos. O mercúrio acarreta perda de visão, afeta o sistema nervoso e chega a provocar a morte em curto período. Mas o maior perigo, é que o metal pode estar entrando na cadeia alimentar de cidades como Goiás. Os peixes que ela consome podem estar se alimentando do mercúrio depositado no fundo do rio.

Na região do Vale do São Patrício, 80%



O garimpo já matou 60% da bacia do rio Vermelho, principal afluente do Araguaia. O mercúrio resulta desse trabalho e contamina os peixes que alimentam cidades como Goiás.

da atividade garimpeira acontece nas rochas, fora do leito do rio, utilizando água retirada dos mananciais. Essa água, tratada, poderia retornar ao leito em condições aceitáveis e diminuir a gravidade do problema, mas a própria Femago informa que nenhum garimpeiro realiza este tratamento, apesar da obrigatoriedade. No garimpo de rocha, cada dois quilos de mercúrio corresponde a um de ouro.

Nos garimpos de aluvião, que ocorrem nos leitos dos rios, o volume de mercúrio gasto por quilo de ouro encontrado é ainda maior. Mas há índices de que o metal esteja sendo utilizado em menor escala, nas áreas ainda não interditadas. Segundo o engenheiro Izeccias, "os garimpeiros sentiram que o mercúrio estava trazendo mais problemas, depois de começarem as pressões das comunidades".



Depois de caçar e pescar no Araguaia durante toda sua vida, o empresário, Ary Alencastro Veiga, 61 anos, decidiu recuperar a natureza da região. Agora cria de pirarucus a vedados.

Morador arrependido agora defende a natureza

A placa de "Proibido caçar" está fixada na porteira de entrada da sede da Fazenda Itacaiú, às margens do Araguaia, propriedade do empresário Ary Alencastro Veiga, 61 anos. Depois de caçar e pescar na região durante toda sua vida, seguindo uma tradição que vinha de seus avós, ele decidiu participar da tarefa de recuperar parte da natureza perdida.

Há onze anos ele transformou um lago natural de 210 mil metros quadrados em reserva ecológica. "Quando fechamos o lago só havia piranha, mas agora já parece o Araguaia que encontrei há 40 anos", diz ele, com orgulho.

"Existia muita caça por aqui. Desde

1939 vinhamos para cá, trazendo sal, arroz e feijão. Nossa carne vinha da caça e da pesca. Durante todo esse tempo acompanhei a destruição de nossa fauna." Ary Veiga mudou, e valeu a pena. Um passeio de canoa pelo lago vai aos poucos revelando a fauna que sumiu das praias e matas ciliares. Pirarucus dão saltos de mais de um metro de altura. Há jacarés, capivaras, veados e, segundo Ary, também não faltam onças. Martim-pescador, inhumá, colhereiro, jacu-cigano, garças, jaburus, gavião-caramujeiro (que dificilmente é visto) e outros exemplares da fauna silvestre da região freqüentam a propriedade, onde há mais algumas árvores seculares.